

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

KEILA CRISTINA FREITAS SOUZA

**MEMORIAL REFLEXIVO:
TRABALHO E APRENDIZAGEM NA PEDAGOGIA DE CÉLESTIN FREINET**

Uberlândia
2021

KEILA CRISTINA FREITAS SOUZA

TRABALHO E APRENDIZAGEM NA PEDAGOGIA DE CÉLESTIN FREINET

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia como requisito final para obtenção do título: Licenciatura em Pedagogia.

Área de concentração: Educação

Orientadora: Dra. Adriana Pastorello Buim
Arena

Uberlândia

2021

TRABALHO E APRENDIZAGEM NA PEDAGOGIA DE CÉLESTIN FREINET

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia como requisito final para obtenção do título: Licenciatura em Pedagogia.

Área de concentração: Educação

Orientadora: Dra. Adriana Pastorello Buim
Arena

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família e amigos,
pelo estímulo e carinho. E a Deus por permitir.
GRATIDÃO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família e amigos pelo apoio e compreensão pelos vários momentos de ausência durante esta caminhada acadêmica. Em especial ao meu esposo Bruno e minhas filhas Deborah, Roberta e Heloísa pelo cuidado, carinho, amor, paciência e palavras de incentivo me motivando em momentos de desespero.

Agradeço à Profa. Dra. Adriana Pastorello B. Arena pelo suporte, dedicação, atenção e carinho para que o desenvolvimento deste trabalho fosse possível.

Agradeço principalmente à Deus pelo dom da vida, por permitir esta realização e por ter me dado suporte, amparo, cuidado e força de vontade para superar as dificuldades e ansiedades que surgiram ao longo do curso.

“Na busca prática de uma concepção de educação popular interessante, eficiente e humana. O trabalho será sua base e motor a um só tempo.”

(FREINET, 1998, p.153)

RESUMO

Este trabalho consiste em um memorial reflexivo, o qual caracteriza-se por uma livre escrita desta autora sobre sua própria história de vida partindo de uma reflexão crítica. A proposta de desenvolvimento de um memorial para futuros docentes ou mesmo os profissionais que se encontram em exercício pleno, é promover um encontro com o que o formou enquanto pessoa e no que o constitui ou constituirá enquanto profissional. Para compor o memorial, escolhemos como tema central a construção da aprendizagem a partir do conceito de trabalho desenvolvido por Célestin Freinet. A pesquisa bibliográfica teve como objetivo compreender a proposta de trabalho desenvolvida por Freinet e investigar a possibilidade do envolvimento real da criança no processo de ensino aprendizagem através do trabalho.

Palavras-chave: Memorial reflexivo. Célestin Freinet. Concepção de trabalho para Freinet.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 UM PERCURSO DE FORMAÇÃO	17
3 O TRABALHO NA CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM.....	28
4 CONCLUSÃO.....	37
REFERÊNCIAS.....	39

1 INTRODUÇÃO

O memorial reflexivo se constitui na livre escrita do autor sobre sua própria história de vida. De acordo com Sousa e Cabral (2015) é um modo de narrar a história vivida e preservá-la do esquecimento e fazer com que haja uma ação reflexiva de análise e, conseqüentemente, uma oportunidade de nova significação para o que se foi passado.

A proposta de desenvolvimento de um memorial para futuros docentes, ou mesmo os profissionais que se encontram em exercício pleno, é promover um encontro com o que o formou enquanto pessoa e no que o constitui ou constituirá enquanto profissional, uma vez que segundo Cunha (1997, p.189),

O professor constrói sua performance a partir de inúmeras referências. Entre elas estão sua história familiar, sua trajetória escolar e acadêmica, sua convivência com o ambiente de trabalho, sua inserção cultural no tempo e no espaço. Provocar que ele organize narrativas destas referências é fazê-lo viver um processo profundamente pedagógico, onde sua condição existencial é o ponto de partida para a construção de seu desempenho na vida e na profissão. Através da narrativa ele vai descobrindo os significados que têm atribuído aos fatos que viveu e assim vai reconstruindo a compreensão que tem de si mesmo.

Para tanto, faz-se necessário compreender que as narrativas descritas em um memorial, embora sejam memórias subjetivas e inteiramente pessoais, podem ser produtoras de conhecimento. Cunha (1997) elucida esta perspectiva quando aborda a dificuldade em se escrever sobre o vivido e que isso se deve ao fato da própria cultura estabelecer um distanciamento entre o conhecimento científico e os saberes cotidianos, assim as histórias vividas que constitui qualquer sujeito, não são levantadas como dados capazes de produzir conhecimento. Deste modo, o memorial reflexivo vem em contraposição a este ideal, considerando os relatos como uma proposta de análise crítica e reflexiva sobre si enquanto sujeito ativo de produção de possibilidades, reconhecimento sobre a própria história e sobre a posição ocupada nas trajetórias traçadas. Ademais Sousa e Cabral (2015) dizem que é a partir da oportunidade da escrita que se pode observar como o indivíduo concebe e vivencia o mundo.

O memorial reflexivo proposto teve o intuito de se estabelecer a descrição de minha própria trajetória acadêmica. Tecer memórias de meu processo formativo perpassa por acontecimentos que envolvem uma gama de pessoas significativas, seja positivamente ou negativamente, que de certo modo influencia no processo de desenvolvimento de nossa própria prática docente. Isto decorre do objetivo do próprio material base - o memorial - a aproximação

e reflexão do vivenciado e a atribuição de nova significação a partir do conhecimento que se foi obtido no decorrer do tempo. Portanto, compreende-se que o “narrar histórias e contar a vida caracteriza-se como uma das possibilidades de tecer identidade, de compreender como nos tornamos professores e das configurações que nos são forjadas nos nossos percursos de vida-formação” (SOUSA, 2012, p. 46 apud SILVA SOUSA; CABRAL, 2015, p.151).

O trabalho na construção da aprendizagem foi o tema escolhido por mim para seu aprofundamento a partir da perspectiva pedagógica de Célestin Freinet, o qual desenvolveu uma pedagogia pautada em aspectos de ordem colaborativa, coletiva e cooperativa. Freinet, de acordo com Sampaio (1989), critica aos manuais escolares e defende o método natural da escrita e da leitura utilizando as técnicas de passeio, livre escrita, escolha do texto, trabalho coletivo de correção, a impressão, o jornal escola, modificando assim a escola por onde passa. “A classe Freinet tornava-se assim um lugar de livre expressão, onde a criança manifestava sua personalidade mais profunda.” (SAMPAIO, 1989, p. 40)

Segundo Elias (2004), Célestin Freinet (1896-1966) nasceu em Gars, no sul da França. No início de sua vida era pastor de rebanho e cursou magistério. Participou da primeira guerra mundial e nela adoeceu devido a gases tóxicos que criaram nele uma grave lesão pulmonar. Em 1920 torna-se professor assistente em uma pequena escola de duas classes em Bar Sur Loup nos Alpes Marítimos. Foi o ponto inicial do trabalho de Freinet enquanto educador,

Sem experiência e sem uma teoria pedagógica, mas com um instinto próprio de pastor, constrói os próprios princípios de uma ação prática, aproximando escola e aldeia, respeitando profundamente a criança. Porém, apesar de dedicar-se inteiramente ao magistério, ao tomar consciência do papel que o ensino público desempenha... Estabelece contato com outros docentes para reforçar sua experiência profissional. Tinha a obstinação de honrar a profissão que escolhera e de buscar, entre seus pares, caminhos para melhorar a qualidade de ensino. Através do diálogo com o conhecimento científico e com os outros professores procurava estreitar as relações com o outro e com o mundo. (ELIAS, 2004, p. 22).

Célestin Freinet ficou conhecido por suas críticas à escola tradicional e pelo desenvolvimento do movimento da escola moderna, onde elaborou atividades escolares diferentes para a época, como aulas-passeio, imprensa escolar, jornal escolar, texto livre, correspondências entre escolas e trabalho. Estas técnicas foram desenvolvidas com o intuito de formar uma escola popular e de estabelecer uma nova concepção de criança estudante. Freinet identificava-se com a corrente da escola nova, anticonservadora, cujo ensino deve haver a presença do que acontece ao redor da escola e deve proporcionar ao estudante um desenvolvimento de uma educação a partir de um trabalho real, visando atribuir significado

através da experiência. A pedagogia de Freinet concebe a criança como um ser social ativo e atuante, por isso propõe uma pedagogia viva e um novo relacionamento entre escola - conhecimento - criança - professor - ambiente.

Freinet, em sua prática pedagógica, tem como intuito a valorização de uma formação cooperativa; capaz de compreender o pensamento infantil e educar além de favorecer o desenvolvimento intelectual e moral por meio de uma educação natural. Elias (2004) enfatiza que as técnicas de Freinet não podem ser vistas isoladamente, e sim vinculadas a tarefas concretas, por meio da escola do trabalho. Tinha o objetivo de fomentar uma revolução social a partir de sua prática, com as principais ideias, dentre elas a educação para o trabalho, onde

só o trabalho é realmente formador. Primeiro, porque propõe motivações mais fortes para a aprendizagem. Segundo, porque as aquisições do trabalho é que serão mais úteis na vida social e profissional. Claro, convém não se equivocar sobre o sentido da palavra trabalho, que Freinet se empenha em distinguir tanto das tarefas extenuantes quanto das atividades artificiais de diversão. (FREINET, 1988, p. XI).

Elias (2004) aponta a defesa de Freinet para uma mudança pedagógica, com revolução na escola. Critica a escola capitalista e seu condicionamento autoritário. A autora traz apontamentos sobre as técnicas, como o tateamento experimental, livre expressão e vida cooperativa. Célestin Freinet demonstra como é possível se ter uma escola viva a partir de quatro eixos: cooperação, comunicação, documentação e afetividade.

O educar, portanto, seguindo a lógica da pedagogia de Freinet, deve conter a cooperação, que segundo Elias (2004, p. 40), se relaciona à construção social do conhecimento. A comunicação na forma de integrar o conhecimento advindo da cooperação, encontrando-se com a documentação como uma forma de registrar a história construída ao longo do processo de ensino-aprendizagem e na afetividade que corresponde ao elo de ligação entre participantes envolvidos no ato de educar e aprender em busca de um objetivo e objeto comum final, o conhecimento.

Este memorial tem o intuito de compreender o conceito de trabalho nas práticas pedagógicas de Célestin Freinet. O objetivo é entender a proposta de trabalho desenvolvida por Freinet e verificar se é possível promover o envolvimento real da criança no processo de ensino aprendizagem pelo trabalho. Entender como ele trabalha este conceito já que a ideia de ludicidade é excluída pelo autor, pois acredita que seja reduzida somente a jogos e brincadeiras. Célestin Freinet propõe o trabalho através de projetos que levam a criança a buscar realizá-lo e assim atribui no exercício desses trabalhos significância e significados para sua vida o que vai além do simples brincar.

Para Freinet o trabalho,

O trabalho é o grande princípio, o motor e a filosofia de sua pedagogia (Pedagogia popular), que parte da atividade para chegar às outras aquisições. Para ele, influenciado pela filosofia marxista, a escola pretendida e pensada é a escola do trabalho, perfeitamente integrada no processo geral da vida: a criança torna-se sujeito e o professor, aquele que orienta, estimula e facilita a aprendizagem. O trabalho permite aos homens se estruturar e educar ao mesmo tempo em que transformam a natureza. [...] A atividade, pressuposto fundamental da Pedagogia do Trabalho, é vista como algo natural, resultante de uma ação intelectual ou física. Através do trabalho, o homem desenvolve total e afetivamente suas potencialidades, se não se lhe retira o encanto de construir. O trabalho livre e criador é a forma de o ser humano ascender, dominar o meio e exercer seu poder. (ELIAS, 2004, p.46-47).

A obra “Educação do trabalho” de Célestin Freinet trata sobre o trabalho do educador não ser apenas um sonho humanista: lutar contra a ignorância é lutar contra a miséria que viu no dia-a-dia de sua classe. Parte daí a referência constante à escola do povo, que não pode ser entendida sem referência ao contexto sociopolítico das décadas de 20 e 30. Essa obra é fruto de um processo de prisão que Freinet fora colocado e para eliminar o ócio desenvolve um diálogo filosófico entre dois personagens – Pastor e Professor da área rural, mostrando os saberes – popular e ciência. Em suas primeiras páginas se aborda uma contextualização sobre quem foi Freinet e sua caminhada na área da educação. Discorre sobre a participação da escola na vida cotidiana do sujeito e como era vista como um elemento externo à realidade da vida. Freinet sempre considerou a reflexão sobre a condição proletária, contexto político e social em relação a educação. Para ele, “a educação era um projeto político no sentido mais profundo do termo (aliás, jamais a entendeu de outra forma), o do lugar do homem na pólis” (FREINET, 1988, p. IX).

O livro aborda as vivências dos dois personagens e em como os dois, embora *a priori* pareçam distintos, seus conhecimentos se complementam e o que se difere é o método que cada um utiliza para compartilhar. O contexto central da obra é a noção de trabalho. Perpassam por todos os tipos de trabalho – jogo, bem como dos jogos existentes, para se concluir que

[...] só o trabalho é criador de riqueza, de poder material e também moral, criador de equilíbrio individual e social, em suma, de que ele é elemento preponderante em nossa busca obstinada desse estado de espírito tão complexo que denominamos felicidade. Às vezes duvidamos disso, porque nossa civilização transformou o trabalho numa maldição, cujo produto, aliás, vai, com muita frequência, para o poder econômico e a astúcia.

Seja como for, por menos que se reflita sobre o assunto, hoje seria impossível ignorar esse supremo recurso: a eminente dignidade e fecundidade do trabalho.

Ora, vocês fazem as crianças trabalharem? Em outras palavras: ocupam-nas com tarefas criadoras de potência e de vida que atendem às suas aspirações pessoais e às necessidades da sociedade da qual são membros? Nem um pouco. Ou tão pouco! (FREINET, 1988, p.292).

O objetivo do livro, disposto em um rico formato de diálogo envolvente, reflexivo e crítico, mostra que a pedagogia de Célestin Freinet não se baseia no que a escola tradicional desempenhava na época, com muitos livros e teoria. E sim, pautava-se em algo que reproduzisse conhecimento a partir da ação ativa do estudante no desenvolvimento de trabalhos, não o separando de sua própria natureza e tão pouco do que se apresentava ao seu redor. Deixou explícito e claro o que seria essa concepção de trabalho em si, de educação pelo trabalho, no qual não se restringe somente às atribuições ao manual, e sim todo um conjunto que compete a realização de reflexão, uso e desenvolvimento de um bom senso, indagações de cunho útil e filosóficos.

Se sabemos com suficiente precisão o que a criança deseja, do que necessita para seguir suas linhas de vida, só nos resta encontrar a delicada conjunção entre a riqueza, infelizmente demasiado heterogênea, das gerações passadas e presentes, e a intrépida e instrutiva ousadia dos seres jovens partindo à conquista de seu devir. Este traço de união *é o trabalho!* (FREINET, 1988, p. 309).

A proposta de uma pedagogia moderna apresenta-se ao evidenciar que a criança, como tudo no mundo, está em transformação e como ela modificou, a escola precisa acompanhar, desenvolver uma nova escola pois usar os mesmos textos, as mesmas cartilhas e mesmo método de quando o professor estudou tornou-se antiquado e desinteressante para os alunos, sendo necessário uma readaptação da escola ao meio.

Várias propostas e tentativas foram feitas para buscar a mudança da pedagogia, mas que fracassaram, a proposta de Freinet surge nesse vazio pedagógico como uma fórmula do futuro, em suas próprias palavras “com práticas coerentes, um espírito harmonizador entusiasmante, fundamentos psicológicos, filosóficos e sociais que atingem, para as renovar, as próprias bases da Escola do povo” (FREINET, 1976, p.14 apud SOARES, 2016, p. 58), uma pedagogia que adapte às transformações que assolam a vida da sociedade.

Freinet (1975, p. 20) inquietou-se perante a falta de interesse dos alunos, e diante disso desenvolveu investigações que tinham a “necessidade de melhorar as condições de trabalho, para alcançar uma eficiência se possível maior”. Ele também via a necessidade de fortalecer a classe dos docentes. Descobriu a imprensa escolar e compartilhou a fim de fortalecer um movimento pedagógico cooperativo. Segundo Sampaio (1989) Elise, que se tornou esposa de Freinet, trabalhou com ele e juntos melhoraram o espaço físico e organização na sala de aula aumentando as possibilidades artísticas. Criaram peças, teatros, revistas, cooperativas. A revista era publicada com os textos, desenhos e expressões artísticas das crianças. A cooperativa se tornou fornecedora de material pedagógico. Houve o primeiro congresso que propagou ainda mais o trabalho de Freinet que ganhou muitos simpatizantes. Após congresso deu início a

Cinemateca Cooperativa com material e filmes da forma de trabalho do Freinet em suas salas de aula.

Utilizando-se de leituras, investigações e experimentação voltou à sua escola e percebeu que as teorias que conheceu não se aplicavam ali sendo obrigada a voltar com técnicas arcaicas da escola antiga e que não rendia os frutos almejados, tornando desmotivante ao aluno e a ele. Praticava a aula-passeio e via nela um traço de esperança mas enfrentava o discurso de que aluno não vai para escola para passear, no entanto viu nesse método a possibilidade de adaptação de aula e propôs através da tipografia materializar a experiência do passeio em texto e envolveu os alunos no processo de composição e impressão iniciando o nascimento do texto livre e a demonstração de que “a necessidade de criação e de expressão é uma das ideias-força com base nas quais se pode fundamentar uma renovação pedagógica incomparável.” (FREINET, 1975, p.28). Demonstrou também que o texto livre tem de ser motivado como para um jornal ou correspondência, tem de ter uma finalidade, estimulando a criança ao pensamento. Atingindo assim os fundamentos de sua pedagogia. Aproximando a escola da vida do aluno.

Critica a forma expositiva das aulas, sugerindo uma associação à experiência da criança para que o tema abordado faça sentido a ela e seja aprendido e que a preocupação não seja somente com o rendimento intelectual, mas com a formação humana. Associar a teoria à prática. Transformar ideias em criação, em trabalho, em experiência. Estímulo à aprendizagem pelo método natural. Perante a preocupação em relação à disciplina, Freinet explica que uma aula bem estruturada e organizada, onde a criança realiza seu trabalho, a harmonia é alcançada e o problema da disciplina escolar sanado. As técnicas Freinet foram expandindo, cada local com suas especificações obedecendo a ideia de correspondência a vida da comunidade, se são lugares diferentes possuem raízes diferentes e é justificável que seja desenvolvida as técnicas num ritmo próprio de cada lugar. Freinet critica a separação da escola com a vida. A estranheza do aluno com o material escolar e a posição de que o professor sabe tudo e os alunos nada sabem. Ressalta que todo aluno tem conhecimentos prévios sobre o que vive fora da escola e que o professor deve utilizar disso aprendendo com ele e trazendo sua experiência para despertar interesse na sala de aula utilizando um material com elementos condizentes à vida do aluno.

O livro da vida tem o papel de dissolver esta separação. Trazendo sentido e motivação para os alunos. Trabalha a redação, a leitura, a comunicação sob a orientação e encorajamento do professor. Dando força ao texto livre que aumenta a liberdade do aluno, inspirando o desejo de escrever, de se exprimir. Ao professor cabe incentivar e usar de palavras motivadoras e dar liberdade de escolha sobre o que escrever, como e quando. Promover situações como estimular

o diálogo e questionamentos da criança com a família, o senso investigativo, curioso, observador, para que tenham sempre acontecimentos e informações para escrever. Além disso, o professor deve envolver os alunos nos processos do texto livre, acordando com eles quem vai apresentar os textos, a leitura, a correção, o processo da escolha do texto que precisa ser socializado.

Na escola tradicional os planos de aula estão prontos e são sempre generalizados. Freinet propõe que os planejamentos sejam condizentes com a realidade da escola que o professor leciona, utilizando a realidade e coisas do dia a dia dos alunos para ensinar e cumprir o currículo, com planos de aula dia a dia, organização espaço físico, planejamento de rotina, uso do tempo, projetos e trabalhos cooperativos.

Existiu certa resistência às técnicas de Freinet, porém o resultado despertou a atenção e algumas práticas instauradas vão se fixando como o texto livre, por exemplo. Freinet demonstra a necessidade de proximidade com os pais para que se possa ensinar às crianças, contando com eles como aliados em seu projeto de fazer uma escola moderna. E ressalta que a busca por uma renovação pedagógica resulta de reflexão, tato e prudência e para empregar as técnicas de Freinet é necessário algumas reconsiderações e disposição para seguir e usar dos “utensílios” indispensáveis para se fazer uma Escola Moderna. Assim

Toda a nossa pedagogia está baseada nos utensílios e nas técnicas. São eles que modificam a atmosfera da vossa aula, e assim, o vosso próprio comportamento, tornando possível este espírito de libertação e de formação que é a razão de ser das nossas inovações. (FREINET, 1975, p.115)

Houve necessidade de organização técnica da escola para implantação da Escola Moderna devido às dificuldades na transição, principalmente em escolas com número grande de classes, uma vez que as divergências com professores tradicionais se chocam com as novas técnicas. É preciso gradativamente implantar novos costumes. As turmas superlotadas sabotam as novas possibilidades, assim como a falta de espaço, ausência de crédito financeiro, programas e horários engessados, a oposição dos pais e os profissionais da educação tradicionais. Porém é aplicando de maneira correta as técnicas que estes entraves serão vencidos ao observarem os resultados alcançados.

O percurso de passar do método tradicional para os métodos modernos liberou espaços com mudança e adaptação de mobiliário. A prática pedagógica começou com texto livre introduzindo de maneira gradativa com momento para o texto e outros para exploração pedagógica do texto livre, depois o cálculo vivo utilizando ficheiros com exercícios e problemas discutindo em grupo possíveis soluções introduzindo o “problema livre” também adequando

problemas matemáticos à realidade dos alunos. Freinet promoveu palestras envolvendo os alunos seguido de debates. Para ensino de História, Geografia e Ciências, o uso de fichas-guias foi realizado de forma cooperativa. Finalmente, introduziu a criação de um jornal.

Enfim, Freinet trata a questão dos exames, da avaliação, da forma fragmentada que ocorre e torna-se incompleta sendo injusta a valorização de apenas uma técnica em detrimento à outra que não foi analisada, sendo que o exame avalia conhecimentos menos importantes para a vida. “Avalia-se então o acessório e descarta-se o essencial” (FREINET, 1975, p.151).

A adesão a Pedagogia Popular gerou incertezas. Há aqueles que têm medo do novo método e aqueles que querem aderir, mas querem tudo pronto, não querem trabalhar para construir e se adaptar às técnicas. O perigo é um professor que opta pelo meio termo, aplicando mais ou menos e mantendo também a tradição. É preciso se posicionar e entender que “o progresso pedagógico tem seu preço” (FREINET, 1975, p.169) e que deve “empenhar-se, por sua vez, na investigação teórica e na prática de uma pedagogia moderna que permita formar na criança o homem de amanhã, obreiro, ativo e consciente de uma sociedade progressiva, de liberdade e de paz.” (FREINET, 1975, p.170)

O humanismo era forte característica de Freinet que acreditava que todos deveriam ter seus direitos garantidos e prezava pelo respeito humano e com este princípio desenvolveu todo seu trabalho. Não colocava suas ideias como únicas e absolutas, sempre foi aberto a todas experiências pedagógicas e inclusive estudava muito para poder criar os seus métodos e ter embasamento para criticar o que considerava maçante e ineficaz.

Freinet participou de um congresso em Nice o que evidenciou ainda mais seu método diferenciado e despertou atenção de vários participantes após visita à sua escola. Percebeu que a preocupação divergia da maioria que tinha como eixo central o acúmulo do saber e não pelo prazer de aprender, buscava entusiasmo, envolvimento e a vontade de descobrir. Freinet não media esforços pelos seus alunos e teve problemas locais com as autoridades e ganharam apoio de vários países adeptos às suas práticas que tiveram contato com seus impressos. Usava a revista para publicar boletins contra o sistema político que desvalorizava a educação e o professor e lutava a favor da escola. Defendia trabalho escolar de 30 horas semanais e adotou o tempo livre como alternativa de atividades para as crianças estimulando a autonomia e liberdade de produzir algo que estivesse motivado, sua luta era para que a pedagogia trabalhasse a fim de que a criança se desenvolvesse integralmente em clima favorável e natural.

Na segunda guerra mundial, Freinet foi preso como perigoso líder que imprimia panfletos clandestinos, em campo de concentração adoeceu e no hospital alfabetizou outros presos aperfeiçoando suas técnicas e utilizando também as técnicas que usou em sua escola infantil com aqueles presos exercendo sempre o educar. No pós-guerra a Cooperativa de Ensino Leigo de Freinet estava destruída, ele e a esposa com o apoio de muitos adeptos reergueram a cooperativa que voltou com seu trabalho de expansão e divulgação do movimento. Fortalecido o grupo, Freinet lutou pela causa de 25 alunos por sala.

Célestin Freinet faleceu em 1966, porém sua obra permaneceu com sua esposa e depois suas ideias lançadas são temas de congressos e muita discussão, há muitos professores em todo o mundo, seguidores de seus princípios. Deixou invariantes pedagógicas como meio norteador de práticas de suas técnicas e instituiu um teste para medição sobre a prática docente.

2 UM PERCURSO DE FORMAÇÃO

Ao me deparar com a proposta de fazer um memorial me senti perdida e ao mesmo tempo incomodada de pensar que teria de falar sobre mim mesma. Confesso que não sei o porquê de tamanha rejeição, mas é certo que falar do outro é sempre mais fácil.

Fui resistente e adiei o máximo que pude para iniciar esta tarefa, de início nada me veio a memória, como uma amnésia podia tomar conta de mim desta forma? Não que não queira contar, mas realmente um branco tomou conta e minhas lembranças se tornam perdidas no tempo. Consegui resgatar algo e iniciar assim este memorial.

Sinto-me tão nova! Me assusto em pensar que os quarenta já está na porta, mas ainda me vejo a jovem cheia de sonhos e à espera do futuro, e, apesar de ter três filhas, ainda me vejo mais filha do que mãe. Quando me deparo com perguntas como *Qual sua profissão?* Sinto que ainda não a tenho, apesar de já ter trabalhado muito, tenho muitos anos de experiência funcional, mas não em uma profissão que tenha escolhido. Esta eu ainda estou buscando e é nesse curso de Pedagogia que projetei minha profissão, uma futura professora, pedagoga, educadora.

Sou a filha do meio de três mulheres. Meu pai muito brincalhão, sempre dizia que fazia o que gostava. Na verdade, teve quatro filhas, pois após separação da minha mãe, ele casou-se novamente e teve mais uma menina, mas minha história sempre foi ao lado das minhas duas irmãs. Nasci numa família muito carinhosa, nunca vi meus pais brigarem, nossa educação rezava o respeito, a obediência, a responsabilidade, o carinho e o amor.

Meus pais não tinham muito estudo, meu pai chegou a concluir o ensino fundamental e minha mãe cursou até a 5ª série. Nunca tiveram costumes de leitura, mas eles prezavam muito pela escola e nos matriculou em tempo. A escola assim se tornou um meio de oportunidade de contato não só com a leitura, mas com a cultura e tudo o que inclui o conhecimento sobre crenças, arte, moral, costumes, etc. Todo esse acesso que eu não tive e muitas crianças pobres não tem em casa, devido a família não ter dinheiro ou até mesmo por não terem condições culturais para transmitir, espera-se na escola a oportunidade de contato e desenvolvimento. Assim é importante ressaltar o papel da escola na formação cultural e socialização de seus alunos, a necessidade de oferecerem o melhor, ao passo que possam suprir essa deficiência que vem de casa. Para Freinet, a escola deve ter um espaço apropriado e promover experiências que levem a criança a participar ativamente de seu processo de aprendizagem, que explore o meio, Freinet (1965, p. 19) fala que:

Para se preparar de maneira adequada, as crianças precisam estar, pois, num ambiente rico e “auxiliador”, em que possam entregar-se a essas experiências tateadas (quando dizemos ricos, não consideramos em absoluto a situação pecuniária dos pais – que não é uma condição suficiente –, mas a quantidade, a variedade e o interesse das atividades funcionais que esse meio possibilita à criança para a construção de sua personalidade.

Quando o ambiente familiar não oferece isso é na escola que o aluno tem a oportunidade de formar e enriquecer seu repertório sócio cultural. Freinet inclusive foi criador do movimento da escola moderna caracterizada por sua dimensão social, por reconhecer a criança como indivíduo participante de uma comunidade, um sujeito ativo para a mudança social.

Lembro que na minha época não existia maternal 1 e 2, G 1, G 2 e G3 como a escola está organizada atualmente. Era *prezinho* e depois já iniciava 1ª série. O meu prezinho foi na escola da associação de bairro, entrei com sete anos e como faço aniversário em outubro terminei o pré com oito anos, era uma das mais velhas da turma. A escola era próxima de casa, mas estava situada na avenida principal do bairro e era preciso atravessá-la, o que representava perigo, minha mãe nunca me buscava, eu ia embora com uma vizinha que buscava o Oséias, um coleguinha da mesma idade que também estudava lá, mas me lembro de um dia que ela estava demorando muito e eu me aventurei e resolvi ir embora sozinha, não lembro quais foram as consequências, mas lembro do sentimento de vitória e orgulho que tive de mim mesma por ter sido tão independente naquele dia.

Não me lembro da professora do prezinho, apenas que tinha música na hora do lanche, lembro-me de uma melhor amiga, a Lea, que até hoje tenho contato distante com ela, e que disputava a amizade dela com a Miriam, que também tenho contato até hoje. Não me recordo de atividades e nada mais nessa escola. O que me lembro bem é que minhas vizinhas e amigas de infância são um ano mais velhas que eu. Elas estavam um ano escolar na minha frente e eu a via começando a ler (babá, O bebe baba, etc.) eu ficava maravilhada e queria muito aprender também, eu me vislumbrava com aquilo.

A função educativa, de acordo com Freinet, é proporcionar aos alunos um ambiente estimulador, tendo como princípio respeitar e valorizar o conhecimento que a criança carrega consigo, já que “a função educativa não está de modo algum confinada às paredes da escola” (FREINET, 1966, p. 296). Assim quando a escola não apresenta situações concretas para a vida da criança acontece de não ser marcante, as atividades se tornam sem sentido e a aprendizagem não ocorre, o que pode explicar o fato de não me recordar de nenhuma atividade na pré-escola.

A escola tradicional, como foi minha pré-escola, repassava o conhecimento de uma forma extremamente mecânica, fria e crua, cumprindo algo generalista onde não se preocupava

com as particularidades de cada aluno. O professor era o dono do saber e do conhecimento, ele era o sujeito ativo, e o aluno mero sujeito passivo, provavelmente isso fez com que não fosse marcante o suficiente para gerar lembranças significativas. Já Freinet propôs uma educação ativa em torno do aluno, baseado no trabalho e cooperação, onde o professor deveria criar situações e estimular “as crianças a fazer experiências, procurar respostas para suas necessidades e inquietações, ajudando e sendo ajudadas por seus colegas e buscando no professor alguém que organize o trabalho” (FREINET, 1977). Sua proposta pedagógica, mescla teoria e prática, aborda instrumentos e meios primordiais para possibilitar a participação e o interesse da criança sugere práticas que envolvem a criança na construção e desenvolvimento do que ele chama de trabalho, o que não houve na minha pré-escola e que se tivesse tido provavelmente eu lembraria. Podemos dizer que Freinet concordaria com Freire (2002, p.22), “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Meu pai trabalhava o dia todo, minha mãe que tomava conta de casa e da gente, então, todas as decisões eram dela. Sei que ela participava das reuniões de escola, mas não me recordo de ter me ajudado com tarefas e nem mesmo de minha mãe me mandar estudar ou fazer lição de casa. Ela sempre deixou muito claro a todas nós que a parte dela ela fazia que era dar condições de irmos para escola e que o compromisso de estudar era nosso. Sempre frequentei o período da manhã. Lembro-me muito bem de ela nos acordar para irmos para escola somente na primeira semana de aula, depois se não acordássemos perdíamos a aula e ela simplesmente dizia que o compromisso era nosso e não dela. O que ela sempre exigiu que fôssemos amigas das pessoas mais marginalizadas (hoje entendo que seria este o termo) ela falava que se tivesse algum coleguinha que não tivesse amigos que era para sermos amigos deles. Lembro-me bem que sempre eram crianças negras e de aparência mais simples, roupas sujas, cabelos bagunçados. Somos todos da classe pobre, estudamos em escolas públicas, porém algumas pessoas estão na miséria, o que aumenta em muito os índices de evasão e também evidencia as desigualdades sociais e destaca ainda mais a disparidade entre escola pública e privada.

Temos nas escolas públicas 70% das crianças do país porém apenas 7,3% desses públicas demonstram o nível adequado de aprendizado de matemática e apenas 27% atingem o nível esperado em leitura e escrita. Segundo estudo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre 2016 e 2017, dois milhões de pessoas passaram a viver na linha da pobreza —a maioria em pobreza extrema. Isso significa que hoje há 54,8 milhões

de pessoas vivendo nessas condições, das quais 18,2 milhões são crianças com menos de 14 anos.

É certo que a grande maioria dos alunos de baixa renda frequentam escolas públicas, enquanto crianças com melhores condições financeiras recebem uma melhor formação em instituições privadas. Os resultados do PISA (modelo de avaliação internacional que é referência em todo o mundo), demonstraram que, em termos educacionais, alunos de escolas públicas aos 15 anos se encontram cerca de três anos atrás de seus colegas das instituições privadas. Ressaltando assim as desigualdades educacionais. E como grande maioria dos alunos brasileiros frequentam escolas públicas, permanecem as desigualdades sociais enfrentadas pelo país. De acordo com um estudo sobre resiliência acadêmica conduzido pela OCDE, apenas 2,1% dos estudantes de baixa renda no Brasil atingem um nível educacional que efetivamente os prepara para assumir papéis ativos em suas comunidades e para aproveitar oportunidades pessoais e profissionais.

Eu, muito imatura ainda, mas já percebia que o caminho do estudo era o de oportunidade de uma vida melhor e mais promissora. Na escola eu era muito exigente comigo mesma, meus pais sempre foram muito motivadores, daqueles que bate no peito de orgulho do filho tirar nota A, sempre fui “CDF” devido a dedicação, porque na verdade eu tinha muita dificuldade de aprendizado e por isso estudava muito em casa. Eu era, digo ainda sou, daquelas que termino de ler um texto enorme e quando paro para pensar, não sei nada do que li.

A leitura para Freinet tem de ter uma ligação que faça sentido para a criança, ele nega os modelos repetitivos reduzidos à exercícios com séries de palavras sem sentido por não ter o tateo experimental para a compreensão das palavras, daí se explica a minha dificuldade em entender o geral da leitura.

Assim Freinet (1977, p.134) sugere como se dá a aprendizagem da leitura:

Expressão oral das palavras, de vocábulos e de frases obtidas o mais rapidamente possível, é certo, e com o máximo de riqueza, mas exclusivamente pelo método natural da tentativa experimental viva, servida por um ambiente rico e auxiliar, mas com exclusão de qualquer lição pretensamente metódica. Expressão, para uso das pessoas afastadas, pelo intérprete da escrita destas mesmas palavras, vocábulos e frases, pelos mesmos processos, com exclusão de qualquer lição formal. Riqueza do ambiente para facilitar e acelerar esta experiência por tentativas. Reconhecimento destas palavras quando as encontram num texto estranho.

Para ele a criança pode reconhecer toda uma frase sem precisar fragmentá-la, que o texto não é percebido sinteticamente, letra a letra, mas sim de um modo global e natural sendo a tipografia uma ferramenta que precisa ser usada a favor da alfabetização das crianças. Para ele,

Essa inovação traz novas possibilidades específicas pelas quais deixará sem dúvida marcas na pedagogia. A tipografia na escola fez a leitura e a escrita cair em domínio da prática cotidiana por meio da expressão livre e a atividade criadora dos alunos. Desse modo, pelo tato, pela experiência com a tipografia mais eficaz que os raciocínios pretensamente científicos, abriu novos horizontes para uma pedagogia baseada nos verdadeiros interesses das crianças, geradores de vida e de trabalho. De repente, restabeleceu a unidade do pensamento, da atividade e da vida infantil e integrou a escola no processo normal de evolução individual e social dos alunos.” (FREINET, 1977 p. 204)

Acredito eu, deixando a leitura de maneira mais natural e de mais fácil entendimento no contexto geral sendo mais prazerosa por torna-se perceptível a finalidade da realização de um trabalho tudo seria mais fácil e natural nesse processo do aprender a ler.

As turmas eram divididas por ordem alfabética e a classificação se dava por nota, os melhores alunos eram da turma A, e assim sucessivamente. Essa lembrança tenho bem clara em minha memória: meu maior objetivo durante o ano todo era ser da turma A no ano seguinte. Lembro que fui do 1º C, 2º B e na 3ª série já consegui ir para a turma A, ficando nessa categoria na 4ª e 5ª séries também, até que na 6ª série esta classificação foi extinta e me lembro da revolta que fiquei.

Ensino fundamental, primeiras séries, lembro que sempre sentei nas fileiras da frente, primeiro porque sempre fui a mais baixinha da turma, o que me rendia muita chacota, e depois porque sempre quis que fosse assim, até nos anos finais. A cada ano a dificuldade de aprendizagem aumentava e minha dedicação também. Nunca fui de ter muitas amigas na escola, era muito séria. Na primeira série lembro bem da professora, Maria Madalena Guimarães, tenho carinho por ela, mas não me recordo de nenhuma passagem que tenha me marcado. A do 2º ano lembro também Josefina, mas também não me recordo de nada especial. Agora a da 3ª série não lembro o nome, mas de seu rosto, de sua exigência e atribuo que ela sim me ensinou a escrever de maneira mais correta, ela dava muito ditado e quando a gente errava ela mandava copiar 15 vezes a palavra correta, se num outro ditado errasse de novo aí copiava 30 vezes a mesma palavra, e me lembro de ter de escrever 50 vezes a palavra açúcar. As dificuldades entre V e F e B e P com ela acabaram, ou aprendia ou copiava, não tinha negociação.

A repetição das palavras é um método punitivo, pode ter funcionado para mim no sentido de saber escrever gramaticalmente correto, porém a construção do conhecimento é

questionável, a palavra repetida várias vezes com a intenção de decorar a forma de escrever é questionável. O que Freinet sugere é o estímulo e a prática do texto livre, com alguma finalidade como jornal impresso, jornal escolar, etc., a construção por parte do aluno de um material cujo tema seja de seu interesse, da forma e tempo que lhe assegure a liberdade de escolha e o motive através de promoção de diálogo, e segundo a dinâmica, no momento da leitura de seu texto, na hora da correção será muito mais proveitoso tanto para enriquecimento de vocabulário quanto para a compreensão de texto. A própria criança se vê motivada a buscar pesquisar as palavras, a forma certa de escrever, o correto significado e empregabilidade, gerando assim conhecimento e aprendizagem aprendendo a redigir textos, exprimir seu pensamento, ampliar seus conhecimentos, aumentando o vocabulário.

A correção do texto se faz necessária, de forma particular e de maneira a não constranger o aluno, e não sendo com imposição nem com cópias, mas sim com ajustes em conjunto, com a análise e comparação de outros textos, com exemplos, com acesso à leitura. Dessa forma o professor possibilita a descoberta do aluno no mundo da leitura e por comparação a percepção do erro e a necessidade de correção sem estranhamento da obra.

Na 4ª série lembro da professora com tristeza, acho que eu não gostava dela e nem ela de mim, o único episódio que me recordo foi de que ela me criticou e riu de mim quando eu cheguei com um carrinho de carregar mochila que eu havia ganhado de aniversário, nunca mais quis usar. A relação professora x aluno é de extrema importância e essencial para a aprendizagem. Quando os professores e os alunos mantêm um bom relacionamento em sala de aula, o aprendizado se torna mais eficiente e passa a existir um maior engajamento de ambas as partes. Esta atitude de diminuir e constranger um aluno é extremamente negativa e gera um distanciamento e prejuízo à educação.

Segundo Vygotsky (1976, p. 78), a relação educador x educando não deve ser uma relação de imposição, mas sim, uma relação de cooperação, de respeito e de crescimento. O aluno deve ser considerado como um sujeito interativo e ativo no seu processo de construção de conhecimento. Assumindo o educador um papel fundamental nesse processo, como um indivíduo mais experiente. No caso dessa professora de 4ª série, sua atitude foi extremamente ao contrário, desmotivando e afastando sua aluna.

Da 5ª série em diante, cada disciplina era ministrada por um professor diferente. Não tenho lembranças de quase nada, mas houve uma professora que me marcou demais, talvez a única em toda trajetória escolar, a Sandrinha, professora de Português. Ela era bem pequena também, tinha uma dificuldade motora, penso que alguma má formação na região do quadril, mas não foi isso que marcou, mas sim sua forma de agir conosco. Era muito fácil chegar até

ela, parecia ser uma de nós. Uma vez, ela até foi na minha casa me visitar. Já, esta professora estabeleceu uma proximidade e marcou positivamente, me tratou como amiga. Ganhava nossa confiança, estabelecendo uma conexão. Piaget coloca que essa relação entre o professor e aluno

em que ser baseada no diálogo mais fecundo, onde os “erros” dos estudantes passam a ser vistos como integrantes do processo de aprendizagem.

Lembro de um projeto que trabalhamos com ela, ela pediu que cada aluno inventasse três palavras que não existisse e dessem significado para cada uma delas e assim faríamos um dicionário com palavras inventadas. Foi tão empolgante. Na época não tinha internet para pesquisar, e nos debruçamos sobre o dicionário a fim de buscar inspiração para criar algo não existente, dando significado de acordo com nossa imaginação, lembro que envolvi minha família toda nisso. Lembro de cada etapa da construção do dicionário pois tínhamos que confirmar se a palavra existia ou não, se o significado já havia sido utilizado por algum colega, atribuir um sentido e um significado. Depois catalogar, colocar em ordem alfabética as palavras inventadas e trabalhamos produções escritas utilizando essas palavras. Foi muito envolvente. Inclusive muito depois do projeto houve convite para publicação do mesmo em outro Estado, a Sandrinha enviou todo o material e ficamos sabendo depois de muito tempo que nosso dicionário havia sido extraviado e a ideia provavelmente roubada, o sentimento de ter sido lesados foi geral entre os alunos.

O envolvimento neste projeto foi marcante, houve muita pesquisa, muito engajamento e foi notório o interesse e atenção de todos. Para Freinet, a atividade é o que orienta a prática escolar e o objetivo final da educação é formar cidadãos para o trabalho livre e criativo, capaz de dominar e transformar o meio e emancipar quem o exerce. E foi isso que vivemos nessa experiência, fomos estimulados a fazer experiências, procurar respostas para as necessidades e inquietações, ajudando e sendo ajudadas pelos colegas e familiares e nossa professora organizou o trabalho.

Na teoria do educador francês, o trabalho e a cooperação vêm em primeiro plano, a ponto de ele defender que "não é o jogo que é natural da criança, mas sim o trabalho". Freinet (1998) defende o trabalho cooperativo que permite que todos os membros de um grupo se sintam iguais. Todos vão receber uma parte da tarefa proposta, mas ninguém estará acima do outro. Não estão competindo entre si. Segundo o Art. 2 da Lei 12.690 dos trabalhadores:

Considera-se Cooperativa de Trabalho a sociedade constituída por trabalhadores para o exercício de suas atividades laborativas ou profissionais com proveito comum, autonomia e autogestão para obterem melhor qualificação, renda, situação socioeconômica e condições gerais de trabalho.

E assim na escola, os projetos são o que Freinet chama de trabalho e constituem um método de aprendizagem utilizando o que é natural do aluno.

Com o desenvolvimento da livre cooperação entre educandos e, portanto, também entre educadores sob autogestão escolar, entendemos a coerência da solidariedade existente na

pedagogia freinetiana tanto em suas relações didáticas quanto em seu projeto político-pedagógico em sociedade.

Recordo-me também que a escola não dava livros como atualmente. Meus pais não podiam comprar, eu tinha que me virar para conseguir acompanhar sem livros, eu pegava emprestado, ia para casa dos colegas e me sentia menor por causa disso, às vezes as mães de meus colegas me tratavam com indiferença, mas nunca pedia porque em casa eu via meus pais com o orçamento muito apertado. E quando eu conseguia um livro emprestado com a Graciele, uma amiga querida, eu já estava quase sem tempo para fazer as atividades, visto que ela me emprestava o livro depois que já tinha feito sua tarefa. Eu ficava muitas vezes até de madrugada estudando e fazendo trabalhos. Também tinha muita dificuldade de conseguir grupo ou dupla para fazer trabalhos em conjunto, acho que era porque eu não tinha material, então, muitas vezes fiz sozinha.

Na sexta série minha vizinha e amiga de infância, aquela que eu via começando a ler e me inspirava, a Maria Aniela, se tornou repetente e nos vimos no mesmo ano escolar. Assim ganhei uma aliada apesar de o foco dela ser diferente do meu e ela estudar em outra escola.

Na oitava série com meus 14 anos dividi meus estudos com a busca por um emprego. Como comecei a trabalhar, fui obrigada a estudar a noite. Foi uma experiência muito boa no sentido de fazer mais amizades na escola, coisa que quase não tinha, porém, momento muito desafiador, pois trabalhar e estudar a noite era muito para uma adolescente que seu maior sonho era entrar na faculdade.

No ensino médio consegui mudar horário do trabalho e voltei a estudar de manhã, a minha amiga Maria Aniela foi para o mesmo colégio que eu e assim estudamos na mesma sala, nesse momento eu ganhei minha dupla até o fim do curso. No 2º ano do ensino médio veio minha maior decepção, minha primeira nota vermelha da vida, foi momento bem difícil, mas justificável, afinal agora minha dedicação era dividida. Busquei a superação e recuperação, e terminei o ensino médio amargando apenas esta nota vermelha.

Durante minha vida escolar 1º e 2º graus, sempre fui vislumbrada em entrar na universidade, e tinha de ser federal, primeiro pela admiração que eu tinha com a UFU e segundo porque era impossível pagar uma faculdade particular. Assim sempre me dediquei muito no objetivo de passar no vestibular, era a opção que tínhamos, porém nunca tinha parado para pensar no que realmente queria como profissão. Nunca tive nem ideia do que queria, apenas queria passar. Não havia ninguém em quem me inspirar, não tinha acesso à internet como hoje

que podemos pesquisar sobre profissões, eu estava totalmente perdida com um sonho incompleto.

Meus pais se dedicaram muito para me colocar em um curso de profissionalização, na ICASU, para eu conseguisse meu primeiro emprego. O foco deles era ter uma filha bem empregada, eles não tinham embasamento sobre formação. Então, decidi sozinha o curso para o qual prestaria vestibular. Tentei no primeiro vestibular: Ciências Econômicas e no segundo Ciências Contábeis, acredito que motivada pelo meu primeiro emprego, na Caixa Econômica Federal, porém não passei nos dois primeiros vestibulares e meu contrato na Caixa acabou. Fiz cursinho e voltei toda minha dedicação somente para os estudos, ainda com o objetivo cego de entrar na faculdade pública, sabe-se lá para quê.

No cursinho conheci um professor de sociologia que foi minha grande inspiração, o nome dele era Newton, eu o via dar aula com tanta paixão. Ele falava de uma maneira que me encantou, eu o achei tão inteligente que queria ser igual a ele, só que mais uma vez me enganei, em partes, queria ser professora e transmitir meu conhecimento, mas me confundi e achei que queria era ser socióloga e prestei prova para Ciências Sociais. Fui aprovada na tão sonhada UFU.

Neste momento, realizada por conseguir passar no vestibular que tanto sonhei, iniciei o curso e também voltei para o mercado de trabalho, afinal a situação financeira da minha família não havia se alterado, e a dedicação era dividida entre a faculdade e o trabalho. Neste meio tempo conheci também meu esposo e junto com faculdade e com o trabalho comecei a namorar, 2001 foi um ano de muitas conquistas e mudanças na minha vida.

A faculdade não foi nada do que eu imaginava, o curso de Ciências Sociais não me apresentou nenhum norte profissional e se mostrou muito mais difícil do que eu imaginava, reprovei no primeiro ano e muita decepção sondou meu coração, inclusive o desejo de parar. Mas como uma pessoa muito insistente que sempre fui e como meu maior sonho era entrar na UFU eu não iria desistir e insisti na conclusão do curso. Tive sim alguns professores inspiradores por tamanha propriedade no que ensinava, mas seus métodos são para mim exemplos de como eu não quero atuar.

No meio do curso eu engravidei e fomos eu e meu marido morar juntos, enfrentei um turbilhão de emoções e dificuldades e mesmo assim insisti em continuar com o curso, apesar de tudo em oito anos consegui me formar. Acontece que a motivação de escolher esse curso, devido as aulas daquele professor de cursinho, se perdeu. Iniciei o processo de licenciatura em Sociologia e cheguei a cursar duas disciplinas, porém no momento dos estágios, peguei oito aulas em cursos alternativos de preparação para vestibular e simplesmente detestei, coloquei na

minha cabeça que dar aula de sociologia não era para mim, bem no último ano do curso, ainda assim não abandonei a formatura e migrei todo o processo para bacharelado. Foi tão difícil que demorei mais 3 anos para conseguir me formar, mas enfim me graduei bacharel em Ciências Sociais.

Após meu primeiro emprego no banco, minha vida profissional foi toda direcionada para a área comercial. Como trabalhava no comércio e assumi um cargo de gestão, depois de cinco anos da colação de grau, resolvi fazer uma pós-graduação MBA voltada para gestão de pessoas. Foi excelente e sinto que minha graduação não foi em vão, afinal estou lidando com pessoas e o que é a Ciência Social se não uma ciência que estuda a vida social individual e em grupo, como se originaram, se organizaram e se desenvolveram, algo de suma importância para se relacionar com o outro e respeitar sua identidade e individualidade.

Os dias foram se passando e adormeci o desejo de realmente ter uma profissão, até que algumas situações desgastantes do dia a dia me levaram a reflexão e decidi buscar um novo projeto, resgatando o que foi minha maior motivação na adolescência, o professor de sociologia em sua labuta de maneira tão encantadora, e, percebendo que quando estou em contato com o universo infantil me envolvo e me sinto motivada a ser o melhor de mim, buscando através de criatividade algo que atinja as crianças, percebi que meu projeto seria trabalhar com a educação infantil, descobrir este universo, entender melhor sobre isso. Pensei e desejei montar uma escola infantil no futuro que estava em meu horizonte. Pensei: “Não quero trabalhar com vendas, daqui a alguns anos, quero trabalhar com crianças, fazer a diferença.” E fui pesquisar, por obra do destino estavam abertas as inscrições para Pedagogia EAD na UFU e resolvi após tantos anos fora de a escola prestar novamente vestibular.

Fui aprovada e iniciei o curso, não sei se devido à maturidade ou se é porque me identifico, mas agora sim tudo faz sentido e a vida acadêmica dessa vez flui de maneira mais significativa. Dificuldade tive e ainda tenho demais, curso a distância exige muito e no meio do curso novamente eu engravidei, fiquei desempregada, surgiu uma pandemia catastrófica e muitos motivos para desistir, mas dessa vez isso não foi opção e aprendi que nunca é tarde para a formação de uma profissão e quero ser amanhã a motivação para outros alunos perdidos como eu fui, não inspiração de profissão, mas de ser humano que não desiste, que busca, que questiona e que acredita que pode ir cada vez mais longe. Sou muito grata a meus pais por tudo que se dedicaram e fizeram por mim, sei que sempre tiveram a melhor das intenções, mas senti muito a falta de quem pudesse me orientar e mediar minhas escolhas. Quero ser para minhas filhas e para meus alunos alguém que possa orientá-los, alguém que eu não nunca tive.

3 O TRABALHO NA CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM¹

Existem preconceitos tenazes como o da necessidade do esforço árduo, da obrigação e do sofrimento. Como reação, algumas pessoas pregarão as virtudes educativas do prazer e do jogo. Felizmente, existem linhas de ação mais eficazes e mais humanas.

FREINET, 1998, p.129.

Célestin Freinet cresceu em uma família de pequenos proprietários de terra e pastores. De acordo com Boleiz Júnior (2012, p. 54), a função de pastorear era destinada às crianças e assim desde muito jovem Freinet aprendeu as tarefas do campo “em meio a brincadeiras sempre influenciadas pelas atividades do trabalho cotidiano.” Para além, ainda segundo este autor, era comum e frequente as crianças se envolverem com trabalhos úteis socialmente de modo que se sentiam pertencentes ao meio. Elise diz que “[...] a experiência pastoril será, para Freinet, um tema constante em sua experiência educadora” (FREINET, 1977 apud LEGRAND, 2010, p.11).

É provável que sua criação tenha exercido influência no desenvolvimento de sua pedagogia popular e em sua concepção de infância, em relação a isso Boleiz Júnior (2012, p. 55) diz que as crianças “[...] desde sempre, tem um papel a cumprir e uma colaboração a oferecer ao trabalho social, como participantes da comunidade trabalhadora”, bem como na compreensão do trabalho como meio educativo, envolto por um processo de utilidade, produção de valor e vida e criação.

Em razão de sua deficiência pulmonar, Freinet em sua sala de aula necessitava de uma estrutura diferenciada dos demais colegas professores, não podia de acordo com Boleiz Júnior (2012) dar broncas e ordens aos berros ou falar alto. Para contornar o problema, em suas experiências em sala, anotava todas as características que seus alunos demonstravam e tudo o que lhes causava algum efeito ou fosse significativo, além disso, anotava também as situações que considerava fracasso e ao final, em meio a um saldo de situações positivas e negativas, conseguia compreender que a educação ali trabalhada não ia ao encontro da educação que ele gostaria e considerava mais eficaz. É possível analisar nos escritos de Boleiz Júnior (2012) a decepção de Freinet quanto aos instrumentos de trabalho – os manuais – os quais “eram

¹ Capítulo produzido em coautoria com Isabella Oliveira Dias.

determinados, sem interferência nossa, por outros que, na maior parte das vezes já não davam aulas segundo os programas estabelecidos pelas direções e os ministérios, e que só acidentalmente satisfaziam as próprias necessidades da massa” (FREINET, 1975, p. 18 apud BOLEIZ JÚNIOR, 2012, p. 77), para o educador, “não é necessário sufocar as crianças com matérias para que elas consigam aprender.” (COSTA, 2006, p. 27). Além de se mostrar inconformado com o modo como deveria portar-se mediante sua turma, pois

era obrigado a utilizar o melhor possível os instrumentos e as técnicas tradicionais, a dar lições que ninguém compreendia, a mandar ler textos que, embora simples, nada significavam no devir educativo das crianças [...] em cálculo tinha-se de aprender mecanicamente os números, com ou sem ábaco e, nas restantes disciplinas do ensino continuava-se com a lição de repetição que cansava muito depressa tanto os alunos como eu próprio. (FREINET, 1975, p. 22 apud BOLEIZ JÚNIOR, 2012, p. 77).

Célestin Freinet critica a educação e a escola tradicional, na medida em que se mostra somente expositiva, reprodutiva, generalizadora e limitante. Deseja uma pedagogia viva, móvel, associada intimamente com as experiências das crianças, gerando significado, sentido, necessidade, envolta por instrução e trabalho, para além dos manuais escritos e das disposições esperadas, por isso busca em sua base pedagógica utilizar-se de técnicas desenvolvidas por ele e do trabalho como meio de ensino e aprendizagem. Freinet expõe que não se contentaria

[...] em ligar essa escola ao trabalho por intermédio falacioso das palavras e dos livros. Não repetirei essa traição, mas colocarei efetivamente o trabalho na base de toda a nossa educação. [...] Constatamos que o trabalho, que os ofícios estão, queiramos ou não, no centro da vida das crianças; constituem o substrato comprovado sobre o qual vamos construir todo o nosso edifício cultural (FREINET, 1998, p. 168).

Trabalho esse que é algo natural para a criança, o que entendemos como brincadeira, ludicidade, jogos. Inclusive em um dos princípios invariantes da pedagogia de Freinet (1973, p.53) ele afirma que “não é o jogo que é natural na criança, mas sim o trabalho”. E a educação não poderia negar este princípio utilizando-o a seu favor, sendo “que o trabalho na escola deve ser visto não só como um meio didático, mas como uma prática ligada à vida e ao contexto histórico-social dos alunos.” (BARROS, SILVA, RAIZER, 2017, p. 3)

Sampaio (1989) aborda que Freinet, ao perceber o real interesse das crianças, buscou associar a educação à vida e à realidade das crianças, usou o que chamava atenção das crianças a favor da educação. Sua pedagogia deveria ser compreendida sob três etapas: (1) experimentação; (2) criação; (3) documentação

A experimentação, sempre que isso for possível, pode ser tanto observação, comparação, controle, quanto prova, pelo material escolar, dos problemas que a mente se formula e das leis que ela supõe ou imagina. A criação, que, partindo do real, dos conhecimentos instintivos ou formais gerados pela experimentação consciente ou

inconsciente, se alça, com a ajuda da imaginação, a uma concepção ideal do dever a que ela serve. Enfim, completando-as, apoiando-as e reforçando-as, a documentação – a busca da informação desejada em diferentes fontes – que é como uma tomada de consciência da experiência realizada, no tempo e no espaço, por outros homens, outras raças, outras gerações. (FREINET, 1998, p. 354-355).

Freinet (apud COSTA, 2006, p. 27) diz que “é através das experiências que as crianças chegarão ao verdadeiro conhecimento. Para isso acontecer, as escolas deverão se adaptar ao meio social das crianças, serem totalmente ativas e dinâmicas, permitindo assim, que elas alcancem com a máxima exuberância, seu destino de homem”.

Buscava uma prática com a utilização de técnicas que despertariam o interesse dos alunos e facilitaria o processo de aprendizagem dos mesmos em virtude da aproximação de experiências reais com a abertura para a valorização de um conhecimento cotidiano, singular e subjetivo. Segundo, Costa (2006), ele almejava “uma prática educacional totalmente centrada na criança, atribuindo grande ênfase aos trabalhos (atividades) manuais, tendo em vista a formação de crianças ativas, que serão responsáveis por uma futura transformação social”. Para Freinet,

A proposta pedagógica ao encontrar-se desconectada do cotidiano das crianças só servirá para enchê-las de saberes insignificantes. Sem conteúdos significativos o ensino se transformará em uma farsa e os professores terão jogado seu trabalho no lixo: "lamento os educadores que são apenas tratadores e pretendem tratar metódica e cientificamente os alunos" (FREINET, 1973, p.55 apud COSTA, 2006, p.30).

É possível compreender que Freinet concebia uma postura escolar diferenciada. Para além dos muros da escola, pois “a função educativa não está de modo algum confinada às paredes da escola” (FREINET, 1966, p. 296 apud COSTA, 2006, p. 28), mas deveria ter um teor humanizador. Acreditava que o papel da escola e dos professores fosse o “de proporcionar situações por meio das quais as crianças sintam necessidade de agir, ou seja, fazer com que elas se dediquem intensamente à descoberta de algo que conseguiu despertar seu interesse.” (COSTA, 2006, p. 27).

Buscava assim uma adequação da educação que fizesse sentido à criança, que transformasse o momento da sala de aula em prazeroso, onde pudesse estabelecer uma relação harmoniosa entre aluno e escola. Para isso era preciso despertar o interesse no aluno. Freinet propõe o tateamento experimental. Madeira e Madeira (2013 p. 25479) afirmam que “O tateamento é ao mesmo tempo o processo de busca pela aprendizagem e a aprendizagem propriamente dita, através da experimentação” permitindo “à criança a liberdade de ‘andar’ no seu ritmo, tanto na busca de novas aquisições como em reconstruí-las e assimilá-las.”

Valorizando o interesse da criança, envolvendo-as no seu processo de aprendizagem praticando o que é de sua natureza.

Nessa busca por despertar o interesse da criança e estabelecer uma relação de prazer com a escola, Célestin Freinet desenvolveu aulas passeio com percursos externos a sala de aula incentivando um trabalho de observação que mais tarde utilizaria para produção de textos e leitura. Explorava a experiência e a associava com a Geografia, a História e a Ciência, de acordo com o que era conveniente a partir do experimento realizado, encurtando o distanciamento entre escola e vida. Após os passeios, o texto livre sugeria as crianças escrever sobre a experiência se quisessem, sem imposição, mas com o incentivo pois Freinet inconformado de deixar a produção de seus alunos num armário, resolveu fazer impressão para distribuir e compartilhar os textos criados por seus alunos após a experiência do passeio aula. Madeira e Madeira (2013, p. 25481) apontam que Freinet considerava uma aprendizagem a partir do trabalho coletivo, pois

[...] as pessoas aprendem melhor coletivamente. No pensamento freinetiano fica explicitado que se ouvirmos as outras pessoas, estabeleceremos relações entre os saberes dos outros em relação aos nossos saberes, e por sua vez esses saberes, ao se misturarem, dão origem a um novo saber; agora já mais elaborado pela mediação dialógica do conhecimento partilhado no coletivo da classe. Ainda é de Freinet a ideia da discussão e do planejamento debatidos coletivamente e a distribuição de tarefas e responsabilidades entre as educadoras e as crianças.

Na perspectiva do trabalho coletivo, é de Freinet a concepção de “uma educação cuja espinha dorsal é uma metodologia pautada na cooperação e na atividade, em que a criança é sujeito das suas aprendizagens e em que o professor se destaca nesse processo como mediador” (BARROS, DA SILVA & RAIZER, 2017, p. 4). É seguindo esta lógica que se pode compreender a educação como um processo contínuo e plural, dependente de comunicação, livre expressão, coletividade e cooperação. A partir desta premissa se torna possível o ato de educar, com a perspectiva de formar uma criança comunicativa e participativa, e por esta análise que Freinet, segundo Oliveira (1982), acredita que “a educação [...] deve ser móvel e flexível na sua forma, adaptando suas técnicas às necessidades variáveis da humanidade [...]” além de criticar o dogmatismo que gera um imobilismo.

O envolvimento da criança bem como o despertar e motivar a participação em todo o processo educacional está na base de sua proposta pedagógica. Freinet (1973, p.53) ao alertar com várias das invariantes pedagógicas que falam sobre ninguém (tanto adulto quanto criança) gostar de imposições autoritárias, de disciplina rígida, de trabalhar sem objetivo, de que todos gostam de escolher o trabalho, dentre outras, demonstra o que é da natureza humana em desfavor de uma escola tradicional e autoritária. Lima (2010, p.16-17) explica que

em uma sala de aula quando colocado em prática as aulas passeios, a criança consegue observar e aprender muito mais sobre as coisas que se rodeiam porque nada é imposto, as aulas tornam-se lúdicas porque o professor muda o ambiente tradicional onde se ensina, e a criança por fim não visualiza, mas aquele passeio com algo chato e sim como uma atividade escolar diferente e atraente. ... as crianças conseguem perceber a importância de seus esforços e de seu trabalho. Quando um professor utiliza da proposta de Freinet por meio da aula-passeio é fácil perceber como as aulas ficam mais vivas, dinâmicas, como as crianças acabam se tornando leitoras e escritoras e como surgem projetos com mais espontaneidade, ao final as aulas acabam tornando-se aulas lúdicas.

Lima (2010) utiliza o termo lúdico no mesmo sentido que Freinet usa o termo trabalho com a preocupação de ressaltar que é “fundamental considerar que a ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista somente como diversão” (LIMA, 2010 p. 18) e o papel do professor é justamente mediar essa proposta lúdica na busca por desenvolver o aprendizado por meio dos trabalhos desenvolvidos pelas crianças. “O RCNEI estabelece como fator fundamental para incorporar a brincadeira no ambiente escolar, a importância de professores atualizados que compreendam de forma clara os processos de aprendizagem e do desenvolvimento infantil. Durante o ato de brincar é possível trabalhar os aspectos afetivos, cognitivos e sociais.” (LIMA, 2010, p.18)

Freinet sustenta uma concepção pedagógica que envolve a criança em sua totalidade. Que lhe disponha de um espaço em que sua comunicação seja irrestrita para que sua livre expressão se manifeste, uma vez que a livre expressão é “[...] a própria manifestação da vida.” (FREINET, 1979, p.12 apud BARROS, SILVA; RAIZER, 2017, p. 7). Desta maneira, sua prática pedagógica perpassou por técnicas as quais tinham por finalidade proporcionar às crianças um contato com a realidade, desenvolver sua comunicação e posição grupal buscando um aprendizado autônomo, significativo, criativo e global através da experimentação, tateamento, aulas passeio e trabalho, buscando colocá-la na posição de sujeito ativo de seu próprio aprendizado e “dar-lhe voz, tratá-la como alguém que, se não sabe, é capaz de aprender” (MADEIRA; MADEIRA, 2013, p. 25482)

Se as crianças tivessem produzindo em classe, elas não deveriam fazer um trabalho alienado, sob o qual não tivessem nenhuma autoridade. Por isso tratou de elaborar e criar algumas saídas para que a participação das crianças fosse ímpar e insubstituível na configuração da Proposta Pedagógica da desenvolvida na mesma. As implicações dessa proposta precisariam se nutrir de: esforço coletivo, atividades múltiplas orientadas, assembleias e avaliação. (MADEIRA; MADEIRA, 2013, p. 25480)

E ainda, segundo Lima (2010, p.10-11):

Na sala de aula o aluno deve ter acesso a livros, revistas, gibis e jornais. Os corredores e murais da escola devem ser utilizados para expor as atividades desenvolvidas pelos alunos como uma forma de valorizar os seus trabalhos. A escola deve planejar projetos que envolvam os alunos com a realidade de sua comunidade, promovendo assim a interação aluno e realidade.

“O adulto trabalhador de amanhã é, hoje, a criança que brinca muito. A criança que hoje participa de jogos e brincadeiras, saberá trabalhar em grupo amanhã. Se hoje aprende a aceitar as regras do jogo, amanhã será capaz de respeitar as normas sociais.” (CUNHA, 1994 apud LIMA, 2010, p. 9) Desta forma, Célestin Freinet desenvolveu sua pedagogia popular com forte influência das ideias marxistas, principalmente relacionadas ao trabalho. Bordalo (2013) explica que, para Marx, o trabalho está na base da sociedade e é por ele que o homem é capaz de construir a si e sua própria realidade, se tornando essencial, também, para modificações na natureza e na constituição do homem. Boleiz (2015, p. 51) diz que “a produção da vida humana só é possível em função da peculiaridade histórica que caracteriza os homens enquanto sujeitos históricos da ação criadora que produz sua própria história, na medida em que vão produzindo seus valores de uso.” O homem nesse sentido estabelece no meio em que vive relações de trabalho, com objetivo final, atribuindo no processo condição de valor e significância para que a finalidade seja alcançada e resultados obtidos. Partindo deste princípio, todo processo relacional é um trabalho organizado e planejado, que dispõe ao homem sua condição de ser histórico e transformador, pelo fato de produzir, uma vez que para Marx é somente através do trabalho que se mantém a vida.

Portanto, considerando o trabalho como necessidade e mantenedor de vida, bem como todo processo relacional sendo constituído por trabalho com finalidades, é possível compreender que

[...] o educador se relaciona com o educando pelo processo pedagógico, por sua vez o processo pedagógico, enquanto atividade adequada à formação dos educandos, é trabalho, pois é atividade orientada a um fim (MARX, 1983, p. 150), como acabamos de ver. Nessa relação específica entre trabalhador e trabalho, o processo pedagógico se apresenta como procedimento em que o trabalhador e objeto de trabalho se inter-relacionam dialeticamente. Tanto o educador-trabalhador contribui para a transformação do educando-objeto-de-trabalho quanto o educando-trabalhador contribui para a transformação do educador-objeto-de-trabalho. (BOLEIZ JÚNIOR, 2012, p. 18).

Freinet expõe que é o trabalho que orienta o comportamento do sujeito enquanto ser individual e social, e seria o trabalho “o motor essencial, elemento do progresso e da dignidade, símbolo de paz e de fraternidade.” (FREINET, 1988, p. 168). Trabalho para Célestin Freinet estaria vinculado à condição ontológica do homem, ou seja, uma concepção marxiana do

trabalho, sendo que “o trabalho como condição ontológica está relacionado à necessidade natural e eterna de efetivar o intercâmbio entre o homem e a natureza e, portanto, de manter a vida humana” (MARX, 2017, p.64 apud NASCIMENTO, 2019, p. 7)

Em sua infância, Freinet precisou aprender a pastorear e a partir desta experiência trabalhou e teve aprendizado a partir deste trabalho. Além disso, não somente Freinet precisava trabalhar para auxiliar no sustento da família, como era prática comum devido ao momento histórico. Oliveira (1982) diz que para ele, trabalho “é uma atividade intimamente ligada à própria pessoa, como uma função cujo exercício produz satisfação, mesmo que acarrete esforço e algum sofrimento” e ainda recorda

[...] experiências laboriosas de crianças juntos aos pais e adultos da comunidade e observa que esses trabalhos infantis produziam prazer e eram tão estimulantes que se sobrepujavam aos jogos. Trata-se de trabalhos nos quais as crianças tinham de empregar esforços, afadigar-se, assumir responsabilidade como os adultos e disso resultavam as satisfações gozadas em companhia deles [...] eram de todo modo um trabalho útil, necessário [...] não se tratava de um trabalho imposto à criança como simples obrigação, castigo ou um engodo que lhe desse a impressão de estar trabalhando [...] (OLIVEIRA, 1982, p.102)

Oliveira (1982) aborda que é da natureza das crianças imitar as atividades dos adultos, adaptando às suas próprias finalidades e modo de operação, tornando tal imitação seu próprio trabalho mantendo-se concentrado e compenetrado, uma vez que possui “necessidade orgânica de usar o potencial de vida numa atividade [...] que tenha um objetivo perfeitamente compreendido, à medida das possibilidades infantis e apresentando amplitude de reações: fadiga-agitação-calma, emoção-apaziguamento [...]” (OLIVEIRA, 1982, p.102) e ainda completa dizendo que

uma criança que não pode nem construir a sério, nem ceifar um trigo verdadeiro, nem guardar um rebanho vivo, nem seguir a água rumorejante ou deslumbrar-se no domínio mágico do fogo, aí está o motivo por que essa criança por toda a parte e sempre, procura instintivamente, e encontra, atividades que, na origem, possuem os elementos essenciais desses trabalhos específicos, mas que são como que uma maravilhosa contrafação, adaptadas às suas necessidades, ao seu espírito, ao seu ritmo de vida (OLIVEIRA, 1982, p. 102).

Para Célestin Freinet, existe interesse e mais propriamente, necessidade, das crianças no trabalho. Ele faz uma análise com os jogos, os quais não considera importante em detrimento do trabalho, afirmando que

[...] não há na criança necessidade natural do jogo; há apenas necessidade de trabalho, isto é, a necessidade orgânica de usar o potencial de vida numa atividade ao mesmo tempo individual e social, que tenha uma finalidade perfeitamente compreendida, de acordo com as possibilidades infantis, e que apresente uma grande amplitude de

reações: fadiga-reposou; agitação-calma; emoção-tranquilidade; medo-segurança; risco-vitória. Além disso, é preciso que esse trabalho preserve uma das tendências psíquicas mais urgentes, sobretudo desta idade: o sentimento de potência, o desejo permanente de se superar e aos outros, de conquistar vitórias, pequenas ou grandes, de dominar alguém ou alguma coisa (FREINET, 1998, p. 189-190).

Freinet considera um certo tipo de jogo numa perspectiva a qual denominou como trabalho-jogo. É caracterizado, de acordo com Oliveira (1982, p. 107) como “atividade lúdica tida como natural na infância e preenchendo o tempo útil [...] é funcional para satisfação de necessidades individuais e social [...] suas raízes estariam mergulhadas nas profundezas de um devir ancestral”. Seria esse tipo de trabalho-jogo que Freinet considera positivo, uma vez que seria por meio deste que a criança colocaria em prática sua potência criativa “exigindo um esforço construtivo da criança e do ambiente pois se trata de uma atividade intelectual, moral e social. É um processo profundo.” (OLIVEIRA, 1982, p. 107).

Ademais, Freinet diz que o trabalho ao qual se orienta é uma junção entre trabalho manual e inteligência, sem que um aspecto seja privilegiado acima de outro. Para Oliveira (1982), existia uma separação entre trabalho e pensamento levando a uma concepção de trabalho nobre e manual, tornando o trabalho algo pesado, penoso, difícil e sem prazer. No entanto, é falsa essa separação, uma vez que, ainda de acordo com Oliveira (1982, p. 105) o trabalho seja físico ou intelectual “supõe resposta a uma necessidade natural do individual, razão por que é acompanhada de satisfação, tarefa e ocupação”. Se permanece essa separação, perpetua o distanciamento de uma necessidade natural – o trabalho – da vida e assim o torna ainda mais penoso, desinteressante e desagradável, provocando “monotonia, uma fadiga anormal”, assim, o indivíduo procurará meios para descontrair-se com jogos que Freinet considera como jogos de descontração compensadora e os jogos haxixe – os quais retiram o indivíduo de seu real mundo e os leva para um mundo imaginário com uma atmosfera artificial. (OLIVEIRA, 1982, p. 111–113)

De acordo com Nascimento (2019, p. 4), o que Célestin Freinet propõe é uma educação que seja contextualizada e que possua intencionalidade. Um método que trabalhe o desenvolvimento da intelectualidade, mas que para isso não necessite sobrepor-se aos elementos significativos da vida das crianças.

Vocês convencem as crianças de que devem aprender isto e aquilo, cuja utilidade elas não percebem; treinam-nas para recitar resumos, para resolver problemas de lógica mais ou menos duvidosa, que continuam sendo na maioria das vezes, para não dizer sempre, problemas especificamente escolares; empanturram-nas de palavras e de noções, cuja relações íntimas nem vocês percebem, que permanecem para elas como que elementos arbitrariamente justapostos. Vocês nunca lhes deixam a possibilidade de refletir, de julgar, de escolher, de decidir [...] (FREINET, 1998, p. 129)

Uma estrutura que permitisse o acesso a um trabalho-jogo que de certa maneira diminuísse a vontade da criança para jogos-haxixe ou jogo de descontração compensadora.

Todo trabalho que desenvolvemos na escola da infância dependerá da nossa intencionalidade docente, do que e de que como propomos. Se queremos que nossas crianças se apropriem cada vez mais da cultura elaborada e ampliem suas qualidades humanas, precisamos organizar a escola da infância de maneira que atenda às especificidades das crianças e que as reconheça como cidadãos que possuem seus direitos garantidos, um dos quais é o de se apropriar daquilo que o homem produziu e produz, ao longo da história. (BARROS, DA SILVA; RAIZER, 2017, p.11)

É necessário, de acordo com a pedagogia freinetiana, reaproximar a perspectiva do trabalho como atividade produtiva e distanciar a ludicidade recreativa, (utilizada quando não há planejamento), permitindo que desde a mais tenra idade a criança tenha contato com atividades que lhe demandem trabalho para que possa assim absorver dele sensação de satisfação, potência e pertencimento social com resultados de seu próprio esforço árduo, estratégias elaboradas e disposição para realização. Assim, segundo Oliveira (1982, p. 115), “desalojando o jogo de uma posição privilegiada da pedagogia e substituindo-o pelo trabalho, Freinet pretende que este seja fonte de aprendizagem e cultura”, alcançando por meio do trabalho-jogo, a “satisfação normal das necessidades primordiais do indivíduo.” (FREINET, 1998, p. 334).

Lima (2010, p.5) afirma que “o lúdico quando utilizado como recurso pedagógico na aprendizagem, deve ser encarado de forma séria, competente e responsável. Usado de maneira correta, poderá oportunizar ao educador e ao educando, importantes momentos de aprendizagens” o que é exatamente o conceito de trabalho para Freinet.

Freinet expõe que a criança sempre tem algo a ensinar. O que advém de suas experiências subjetivas e totalmente pessoal é conhecimento, podendo ser compartilhado e contribuir na aprendizagem dos demais e de si mesmo (BOLEIZ, 2012). Célestin faz uma crítica ao tradicionalismo das escolas frente aos seus alunos quando

se supõem que nada sabem. Não entra na cabeça de ninguém a ideia de que a criança, com as suas próprias experiências e os seus conhecimentos diversos e difusos, tem também alguma coisa para ensinar ao professor. Verifica-se aqui um erro pedagógico que alguns poderão dissimular com uma engenhosidade peculiar, mas que não deixa de imprimir poderosamente a sua marca em todos os sistemas escolares (FREINET, 1975, p. 53-54 apud BOLEIZ JÚNIOR, 2012, p. 48).

Portanto, é por meio do processo educativo voltado ao trabalho, que o indivíduo possui a liberdade de expressar-se e de ver-se enquanto sujeito composto por personalidade e que entra em contato com a realidade ao seu redor de modo efetivo, eficaz, concreto. Com este contato,

a criança atravessa uma concepção de um fazer social “e sua apreensão do sentido de humanização e de liberdade que se lhes afiguram como únicos destinos dados, transformam-se em motivação intrínseca.” (BOLEIZ, 2012, p. 52).

4 CONCLUSÃO

Este trabalho monográfico teve como intuito a análise do conceito de trabalho na construção da aprendizagem a partir da teoria desenvolvida por Célestin Freinet. No ano de 2021, destinado ao desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso, a primeira etapa se constituiu da decisão do tema geral, da escrita de minha história acadêmica bem como a escolha das obras do autor Célestin Freinet para nortear e desenvolver a reflexão crítica sobre a temática escolhida.

Após pesquisa e leitura sigo firme na decisão de ser um profissional dedicado a pôr em pratica princípios apreendidos por Célestin Freinet a fim de envolver meus alunos nas atividades despertando o senso de cooperativismo. Envolvendo-os em seus processos de aprendizagem. Dando maior sentido e estimulando o desejo por participar, utilizando assim do trabalho como um recurso pedagógico, trabalho este com finalidade de aprendizagem, porém que esteja intrínseco na realidade da criança.

Quero também levantar a bandeira de que a ludicidade vai muito além de brincadeiras ou jogo por jogos, como um passatempo ou algo “mais fácil” utilizando disto que é natural da criança, que faz parte do seu direito e de sua infância em prol de seu desenvolvimento, de sua aprendizagem e crescimento.

Aprendi com Freinet que a educação tem de ser ativa, a minha foi porque eu sempre fui de querer muito e buscar isso (mas não encontrei apoio na maioria dos meus professores), porém a realidade de muitos alunos não é essa e quero ser a professora que os motiva, quero ser mediadora desenvolvendo neles esse desejo que era natural em mim e que no amanhã, quando eles forem escrever um memorial possam ter muitas lembranças do período que estiveram comigo na escola, que faça sentido, que tenham memórias positivas e marcantes, diferente das minhas. Em minha vida profissional proporei uma pedagogia ativa em torno do aluno, baseado no trabalho e cooperação, valorizando as experiências das crianças, quero organizar o trabalho entre os alunos, pretendo criar situações que provoquem na criança o desejo de buscar as respostas, de trabalhar em equipe na busca por soluções em conjunto, desenvolvendo-os enquanto seres humanos, fazendo com que o período escolar faça sentido, gerando pessoas melhores para o futuro. As técnicas de Freinet, como a aula passeio, o estímulo as cartas sobre o que foi visto, a criação de um jornal, são trabalhos sugeridos aos alunos que soam como “brincadeira”, não tem o peso de uma coisa obrigatória e sem sentido, mas prazerosa, e levo estas técnicas como inspiração para meu futuro profissional.

Posso dizer que este trabalho de conclusão de curso foi enriquecedor e formador. Sendo que meu objetivo é aprimorar e levar estes conhecimentos à prática o quanto antes na busca por desenvolver uma pedagogia voltada para o desenvolvimento do aluno e uma real aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- BOLEIZ JUNIOR, Flávio. **Freinet e Freire: Processo pedagógico como trabalho humano**. 2012. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- BOLEIZ, Flávio. Trabalho e práxis e sua relação com as pedagogias de Célestin Freinet e de Paulo Freire. **Educação e Pesquisa**, v. 41, p. 49-62, 2015.
- BORDALO, Karina Barbosa. O trabalho na concepção de Marx. In: **Anais do XI Congresso Nacional de Educação–Educere**, Curitiba. 2013. p. 373-387.
- COSTA, MC da C. A Pedagogia de Célestin Freinet e a vida cotidiana como central na prática pedagógica. Revista **HISTEDBR**, p. 26-31, 2006.
- CUNHA, Maria Isabel da. **Conta-me agora!**: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. Revista da Faculdade de Educação, v. 23, n. 1-2, 1997.
- DA SILVA SOUSA, Maria Goreti; DE OLIVEIRA CABRAL, Carmen Lúcia. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, v. 33, n. 2, 2015.
- DE BARROS, Flávia Cristina Oliveira Murbach; DA SILVA, Greice Ferreira; RAIZER, Cassiana Magalhães. As implicações pedagógicas de Freinet para a educação infantil: das técnicas ao registro. In: **Colloquium Humanarum**. 2017. Disponível em: <https://redefreinet.webnode.com>. Acesso em: 26 out. de 2021
- DE LIMA, Patrícia Alves; DE FREITAS, Lêda Gonçalves. **Freinet e a ludicidade na educação infantil**. Disponível em: <https://repositorio.ucb.br:9443/jspui/bitstream/10869/795/6/Artigo%20Freinet%20e%20a%20Ludicidade%20-%20vers%C3%A3o%20final.pdf>. Acesso em: 10 set. 2021.
- ELIAS, Marisa del Cioppo. **Célestin Freinet: Uma pedagogia de atividade e cooperação**. 7ª. ed. Petrópolis RJ: Editora Vozes, 2004. 108 p.
- FREINET, Célestin; PEREIRA, Maria Ermantina G. **A educação do trabalho**. Martins Fontes, 1998.
- FREINET, Célestin. **As Técnicas Freinet da Escola Moderna**. 4ª. ed. [S. l.]: Editora Estampa Ltda, 1975. 178 p.
- FREINET, Célestin. **Conselho aos pais**. 2ª. ed. [S. l.]: Editorial Estampa, Lda, 1974. 180 p.
- FREINET, Célestin. **Ensaio de psicologia sensível 2**. Lisboa: Editorial Presença, LDA, 1978. 212 p. v. 2.
- LEGRAND, Louis. **Célestin Freinet**. Tradução e organização: José Gabriel Perissé. Coleção educadores MEC, Fundação Joaquim Nabuco, Recife-PE: Editora Massangana, 2010.

MADEIRA, M.C; MADEIRA, J. C. **Pedagogia Freinet na Educação Infantil: Estratégias de Avaliação e Aprendizagem nas rodas.** In: Anais do XI Congresso Nacional de Educação, 2013, p. 1-10.

DO NASCIMENTO, Maria Luzirene Oliveira. **Freinet e a educação do povo: trabalho e cooperativismo como centralidade da educação.** 2019. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/60620>. Acesso em: 26 out. 2021

OLIVEIRA, Marília Lara do Amaral. **A escola do trabalho segundo Freinet.** 1982. Tese de Doutorado.

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker Ferreira. **Freinet: Evolução Histórica e Atualidades.** São Paulo: Scipione, 1989.

SOARES, Wedna Cirino. **O livro da vida como agente facilitador da aprendizagem: as contribuições da livre expressão.** 2016. Dissertação de Mestrado. Brasil.

VYGOTSKY, Lev S.A. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.